

# A PAIXÃO INSTRUMENTAL: O Grupo-fetice a Serviço do Mal

## The Instrumental Passion: The Fetish-group in the Service of Evil

DOI: 10.5935/1984-9044.2025001

William Zeytounlian de Moraes<sup>1</sup>

**RESUMO:** o texto consiste na resenha crítica do livro de Contardo Calligaris, *O grupo e o mal: Estudo sobre a perversão social*, recentemente traduzido e editado, e até então inédito no Brasil. São apresentados aqui os principais argumentos e conceitos abordados pelo autor, bem como a estrutura geral do livro, organizado em quatro partes. Partindo dos relatos de importantes carrascos nazistas – Höß, Stangl e Eichmann –, Calligaris destaca a não centralidade do ódio antissemita e, por outro lado, a referência constante a um trabalho bem-feito. Após realizar uma arqueologia dos conceitos de “eu ideal” e “fetice” em Freud e Lacan, avança sobre a tese maior: a da impertinência da noção de “perversão sexual” em favor da noção, esta sim defendida, de “perversão social”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perversão; Fetice; Grupo.

**ABSTRACT:** this text consists of a critical review of Contardo Calligaris' book *O grupo e o mal: Estudo sobre a perversão social* [The group and the evil: A study on social perversion], recently translated and edited to Portuguese, unpublished in Brazil until last year. We present here the main arguments and concepts addressed by the author, as well the general structure of the book, organized in four parts. Starting from the testimonies of three important nazi perpetrators – Höß, Stangl and Eichmann –, Calligaris emphasizes the secondary role of antisemitic hate in their accounts and, on the other hand, the constant reference of a “job well done”. After carrying out an archeology of the concepts of “ideal ego” and “fetish” in both Freud and Lacan, the author advances his major thesis: the impertinence of using the concept of “sexual perversion” and the preferential use of the notion of “social perversion”.

**KEYWORDS:** Perversion; Fetish; Group.

É em boa hora que chega ao público brasileiro a edição traduzida da tese de doutorado de Contardo Calligaris, até então inédita entre nós. Considerando que o volume tem por título *O grupo e o mal: Estudo sobre a perversão social*, dizer que sua publicação é oportuna implica se tratar de uma leitura esclarecedora para um tempo sombrio. De fato, acompanhando o percurso proposto por Calligaris, o leitor irá se interrogar se o livro não conviria mais ao nosso contexto – o das hordas golpistas imbecilizadas – do que àquele em que foi primeiramente publicado, em 1991.

Originalmente, o texto que serviu de base à bonita edição da editora Fósforo foi a tese Calligaris – defendida junto à Université de Provence Aix-Marseille I, na cidade de Marselha –, que tinha por título *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale: la passion de l'instrumentalité* [Pesquisa sobre a perversão como patologia social: a paixão da instrumentalidade].

---

1 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) | <https://orcid.org/0009-0007-8512-3921> | [w.zeytounlian@gmail.com](mailto:w.zeytounlian@gmail.com)

Ambos os títulos são reveladores da problemática que animava o psicanalista: quais são as vias pelas quais é possível que a servidão voluntária se produza no interior de um grupo?

Para respondê-la, Calligaris articula três conjuntos de referenciais e leituras que, passo a passo, fazem seu texto se enodar: a) os relatos de carrascos nazistas e sobreviventes do genocídio dos judeus levado a cabo durante a Segunda Guerra, b) os debates que esse evento horrendo suscitou nos campos mais diversos das ciências humanas e c) a práxis psicanalítica.

Na primeira parte, intitulada “Trevas”, Calligaris se debruça sobre o material discursivo produzido por três conhecidos carrascos nazistas. O primeiro deles, Rudolf Höß, comandante do campo de concentração de Auschwitz, escreveu suas memórias enquanto aguardava o processo que o condenaria à força. O segundo é Franz Stangl, comandante dos campos de Sobibor e Treblinka, preso no Brasil em 1970, cujas entrevistas dadas a Gitta Sereny fornecem material abundante ao psicanalista. Já o terceiro, Adolf Eichmann, é bem conhecido do público por conta do relato famoso de Hannah Arendt.

Numa intuição semelhante à de Arendt, que, após horas e horas sob a linha de fogo entediante do testemunho de Eichmann, terminou por se espantar com a “banalidade do mal” subjacente ao tom burocrático daquele homem comum, Calligaris, por sua vez, destacará elementos análogos ao discurso dos algozes da Shoah. Chamou sua atenção o caráter aparentemente secundário do antissemitismo das figuras: nenhum dos três revelava um ódio particularizado e histórico pelos judeus. Tampouco transpareciam qualquer satisfação e pendor especial para o morticínio, manifestando muitas vezes repulsa e contrariedade frente ao mesmo. Salta aos olhos de Calligaris outro elemento: o gosto pelo trabalho “bem-feito”, levado a cabo por sujeitos ciosos de aderir a uma máquina bem azeitada, mobilizados libidinalmente por uma “paixão de ser instrumento”.

Assim, para Calligaris, não é o ódio, a raiva ou o ressentimento, mas a paixão de ser um instrumento para o Outro que careceria de explicação metapsicológica. Daí a segunda parte de seu estudo “normalista” (os nazistas não eram doentes, mas pessoas comuns) e “funcionalista” (a ideia de que não se tratava de uma sociedade organizada para o Genocídio, mas cuja funcionalidade o construiu contingencialmente) se voltar à psicanálise em busca dos elementos conceituais que sustentem a tese.

Nesta segunda parte, intitulada “Cenário”, Calligaris retorna a Freud e Lacan para colher e fundamentar os conceitos que melhor sustentam sua tese. Os dois principais são “fetiche” e “eu ideal”.

Pelo atravessamento de uma verdadeira arqueologia do fetiche nos textos freudianos, bem como pela colheita das lições de Lacan – cujo ensino o autor frequentou –, Calligaris pode avançar a proposição de que, tanto para o homem quanto para a mulher, o fetiche seria uma produção *universal*. Contudo, em detrimento de uma abordagem meramente parafílica dos apetrechos garantidores da potência psíquica, em especial dos homens, Calligaris irá postular que o elemento-fetiche, por excelência, é “o próprio sujeito, naquilo em que ele se idealiza como o que pode responder ao que falta à mãe” (Calligaris, 2022, p. 169).

Decorre disso a necessidade de retomar a bem-fundada diferenciação lacaniana entre “ideal do eu” – localizável no simbólico, promotor de um direcionamento da vida por princípios inspiradores passíveis de partilha cultural – e o “eu ideal” – imagem magnificada de si situável no registro do imaginário, que surge como interpretação primitiva da incompletude materna. É pela confrontação com a falha narcísica no campo do Outro que o sujeito pode elevar seu eu ideal a instrumento obturador, oferecendo-se como fetiche à completude materna.

Essas observações encaminham Calligaris a constatações mais avançadas que, se parecem fazê-lo se afastar da temática inicial, o direcionam a implicações clínicas de primeira ordem. Eis

o que é desenvolvido na terceira parte, “Clínica”. Aqui, Calligaris nos traz dois casos de sua prática, Foudel – nomeação que consiste numa tirada aguda, pela homofonia com o francês *fou d'elle* [“louco por ela”] – e Lydie.

Cabe ao leitor proporcionar a si mesmo o prazer de ler esses casos belamente escritos, de pacientes que, de uma perspectiva nosológica distinta daquela que fundava a epistemologia clínica do autor, poderiam ser taxados de “perversos”. Não é por aí que Calligaris vai, no entanto. Muito resumidamente, a exposição dos casos o leva a uma diferenciação entre “perversão sexual”, noção sistematicamente criticada, e “perversão social”, promovida pelo autor.

Num verdadeiro *tour de force* dialético – e, para muitos, talvez, contraintuitivo –, Calligaris propõe que, pela erotização do sofrimento em montagens sexuais como a do masoquista ou do sádico, haveria na verdade uma forma de barrar o gozo sem prazer da paixão instrumental. Por outro lado, as formas de produção – ou reprodução – do fetiche no laço social, via paixão instrumental, estas sim seriam manifestações de “um gozo sem desejo, prazer, alegria ou entusiasmo”, como descreve Jurandir Freire Costa em sua introdução ao livro.

Esse movimento parece colocar em questão a própria definição estrutural de perversão enquanto entidade clínica. São reflexões levadas a cabo na quarta parte, “De volta ao social”, em que Calligaris reúne os relatos dos burocratas-algozes à teoria do fetiche.

Para ele, a perversão sexual é o “normal”, sendo a sexualidade tida por “normal” apenas um simulacro encobridor da verdadeira fantasmática a ela subjacente. Em contrapartida, a tese maior do livro, o termo “perversão” só poderia ser aplicado propriamente à cena social. Pois se na cena sexual *stricto sensu* o ganho de prazer evita a obliteração do sujeito frente a um gozo desamparador, na cena social, a renúncia à descarga direta, bem como a dessexualização do fetiche, terminam por deixá-lo – ao sujeito – desarmado.

De onde a perversão social é “antinômica ao exercício da sexualidade”, o que coincide com a oposição freudiana entre amor e laço social (Calligaris, p. 407). Trocando em miúdos, é na cena social – e não naquela conduzida à sombra das alcovas – que os sujeitos podem levar a um patamar radical e perenizado o apagamento subjetivo, a autorredução à condição de ferramenta da completude do Outro.

Não que o livro careça de pontos duvidosos ou controversos, como a ideia de que também aqueles que foram trucidados nos campos de extermínio, por inclusão num discurso produtor de submissão, teriam se entregado à paixão de ser instrumento. Haveria que se debater. O que não é nada duvidoso, porém, é a pertinência e a atualidade das questões nele tratadas. Nesse momento, em que toda uma fauna – gado, baratas, rinocerontes, cupins, parasitas em geral – se lança numa rasante auto e heterodestrutiva em nome de mitos e ideais duvidosos, Calligaris nos acompanha na pergunta: o que aconteceu com *nossos semelhantes*?

## REFERÊNCIAS

Calligaris, Contardo. (2022). *O grupo e o mal: Estudo sobre a perversão social*. Prefácio e edição: Jurandir Freire Costa. Trad. Jorge Bastos Cruz. São Paulo: Fósforo.